

Índice

<i>Retratos, Personalidades e Heróis</i>	9
Três Revoluções	15
Os Percursos Iniciais	18
Três Vidas num Século	21
Inimigos	30
Os Políticos e os Militares	35
África	40
Uma Visão de Portugal	43
<i>Salazar: As Últimas Décadas</i>	
Salazar: As Últimas Décadas	53
Arrumar a Casa com a Paz na Europa	57
À Mesa dos Vencedores	63
Depois da Política, a Economia	65
No Auge da Glória, os Grandes Problemas	71
A Guerra	75
O Princípio do Fim	82
Crise Externa	86
As Políticas Internas	90
Só e sem Legado	97
<i>Vidas Paralelas: Salazar e Cunhal</i>	
Vidas Paralelas	109
Raízes	112
Os Militares	116

A Liberdade	120
O Poder	122
O Decrépito e o Reformado	126
Eles e Nós	129
<i>Álvaro Cunhal: O Secretário-Geral</i>	
O Secretário-Geral	135
Arquivos e Segredos	136
Superioridade e Perseguição	139
A Personalidade de Cunhal	144
A Reforma Impossível	147
O Portugal de Salazar e... de Cunhal	153
<i>Mário Soares: O Triunfo de Um Plebeu</i>	
Antes da Revolução	161
Soares, por Ele Próprio	170
O Triunfo de Uma Vida	181
<i>Apostila: Crepúsculo</i>	201
Epílogo	209

Retratos, Personalidades e Heróis

No século xx português, poucos indivíduos se distinguem como estes três, Salazar, Cunhal e Soares, cujos retratos aqui tento traçar. Ninguém, como eles, marcou tanto os acontecimentos. Sem eles, o século xx teria sido diferente. Poderiam ser outros ou nenhum, dado que cada momento ou cada grande questão nacional impunha as suas inércias. Mas certo é que estes foram o que foram e marcaram o seu tempo com talento, propósito, virtudes e defeitos. Podemos não gostar de um, de dois ou dos três. Mas é forçoso reconhecer que o seu contributo pessoal foi decisivo para delinear a sociedade e a política do tempo que viveram.

E nem sequer se pode dizer que apenas foram habilidosos, que tinham uma especial intuição para prever acontecimentos, que souberam estar no sítio certo à hora certa ou que tiveram o talento de aproveitar o vento. Essas são, aliás, características de bons políticos, mas talvez não de grandes políticos. Os que sabem aproveitar as circunstâncias, os que usam os ventos e as forças da história, os que percebem as opiniões dominantes e os movimentos sociais têm certamente papel de relevo, mas falta-lhes o génio criativo e a capacidade de forjar movimentos e forças da história.

Salazar, Cunhal e Soares foram dessa têmpera, dos que engendram o seu tempo, as pessoas e as opiniões. Não fizeram tudo o que queriam, nem só o que queriam. Nem sempre obtiveram os resultados esperados. As suas histórias não acabaram bem: algo correu mal, muito mal, nos últimos tempos das suas vidas ou logo após as suas mortes. Ou não conseguiram concretizar o que queriam, tendo

de se contentar, como tantas vezes acontece na vida real, com um *Ersatz*, um substituto. Ou as memórias que legaram foram de uma tristeza pálida. Salazar nunca chegou a perder, mas o seu regime, que foi a sua obra, esboroou-se atabalhoadamente em poucos anos, o seu sucessor perdeu-se, o seu império desapareceu e o Estado democrático fundou-se no meio da desordem e da revolução. Cunhal nunca chegou a ganhar, mas foi beatificado pelos seus seguidores. Soares ganhou e perdeu, conheceu vitórias e derrotas.

Quem disser que não são os indivíduos que fazem a história, ou pelo menos parte da história, deve rever-se nestas três personalidades. Muito teria sido diferente: a ditadura salazarista, a resistência estalinista ou a democracia plebeia. Não é possível prever o que teria sido sem eles. Nem vale a pena arriscar. Mas não seria o que foi.

Estas três personagens suscitam curiosidade, tanto por elas como pelos portugueses. Tanto pelo que foram e fizeram, quanto pelos portugueses que as mantiveram longos anos nos seus cargos, no Estado ou à cabeça dos seus partidos. Quem são os portugueses que as deixaram lá chegar ou que foram impotentes para de lá as tirar?

Salazar nunca foi a votos. Nem houve força para o derrotar ou desalojar. Soares e Cunhal, sim, foram a votos. O primeiro porque acreditava nas eleições, o segundo porque a elas se sentia resignado, mas preferia as revoluções. Soares ganhou várias eleições e perdeu algumas. Cunhal perdeu sempre, mas foi canonizado pelos seus camaradas, temido por outros e detestado por uns quantos. Nunca ganhou eleições, é verdade, mas não era esse o seu objectivo: levar a cabo uma revolução e conquistar o poder por via revolucionária dispensa as eleições. Não só as dispensa, como as evita, quando pode. É, aliás, uma velha constante histórica, quase nunca desmentida: os revolucionários perdem as eleições.

Mas a verdade é que os portugueses, todos, muitos ou alguns, viveram com estes três políticos tão diferentes. Com o conservadorismo reaccionário de Salazar, com a sua frugalidade austera e beata. Com a sobriedade rígida e ácida de Cunhal. Com a volúpia liberal de Soares. Desengane-se quem imagina que “os portugueses” têm preferências pessoais e políticas e que são mais isto ou aquilo. Ou quem acredita que existe um carácter nacional propenso a preferir uma personalidade. Os portugueses aceitaram sucessivamente austeros e

voluptuosos; sábios e ignorantes; beatos e jacobinos: déspotas e liberais; corruptos e honestos. Aceitaram, desejaram, votaram, aguentaram ou toleraram todos estes, conforme os tempos e as circunstâncias. Impotentes, à força, por sua escolha ou livremente, mas aceitaram.

Salazar manteve-se com autoridade, polícia e obediência. E com a ajuda decisiva da Igreja e das Forças Armadas. Soares, com liberdade, a escolha de outros e a inconstância de todos. Cunhal, com a sua autoridade e a crença de alguns. Os portugueses não quiseram Cunhal, mas os que o seguiram foram de uma fidelidade indiscutível. Muitos portugueses quiseram Soares e escolheram-no, sendo que também o recusaram, quando assim entenderam. Salazar é um caso mais complicado. Nunca foi escolhido ou recusado. Mas a ditadura e a sua longevidade política só se explicam se aceitarmos que muitos portugueses o quiseram. Ou, mais apropriadamente, não houve, com força bastante, portugueses capazes de o afastar.

A minúcia de Salazar, a sua ditadura metódica e meticulosa, a insensibilidade à condição social, a indiferença perante o sofrimento dos outros e a sua perspicácia geopolítica criaram uma personagem ímpar. Foi perito na arte de criar um Estado e de fazer as suas instituições, com o seu direito, a sua polícia e as suas criaturas. Foi de absoluta frieza no desinteresse pela dignidade individual dos outros e pela privacidade de cada um. Foi um caso raro de independência despótica perante todos a quem tudo ficou a dever: a Igreja, as Forças Armadas, os grandes capitalistas e os pequenos proprietários rurais. Foram estas qualidades e estes defeitos que moldaram um espírito capaz de dominar uma elite e fazer um tempo.

A intolerância de Cunhal, a firme convicção nos determinismos da história (desde que conduzida pelas vanguardas adequadas), a total indiferença pelo destino individual seja de quem for, familiares, amantes, camaradas ou amigos, muito mais de adversários e desconhecidos, fizeram dele um líder distante e intocável. Mas, ao mesmo tempo, desprendido, longe das coisas terrenas, próximo do mito e da lenda. Além disso, junto dos seus, mas só dos seus, no meio dos discípulos, Cunhal soube cultivar e acalentar uma espécie de fraternidade própria dos meios do trabalho, dos operários e dos que acreditam no colectivo. Em privado, Cunhal era afectuoso, cordato, sorridente e atencioso. Mesmo durante discussões (se não

fossem de contradição grave...), nada nele se parecia com a estridência violenta e agressiva de muitos dos seus discursos públicos em plena revolução. Não chegou a “moldar” o país e o regime, mas foi o principal responsável pela criação de uma “contracultura” do Estado Novo, uma ortodoxia dominante nas artes e nas letras, talvez até mais dogmática do que a ortodoxia cultural do regime. Graças à sua acção, pouco ficava fora do dilema: quem não era pelo Estado Novo era pelo comunismo. Além dos dois, não havia outra escolha. O realismo, o neo-realismo e a arte empenhada (“*l’art engagé*”, na sua versão original) eram a feroz alternativa ao idealismo nacionalista e à “arte pela arte”. Nesse debate, nessa reflexão sobre a cultura e a arte, Cunhal desempenhou um papel essencial e determinante.

Plebeu, bonacheirão, um verdadeiro “advogado da Baixa lisboeta”, Mário Soares era em quase tudo o contrário daqueles dois. Liberal por vocação e gosto, tudo fez para criar um regime de liberdade, mas nunca lhe ocorreu que seria ele a moldar a cultura ou a dirigir o regime, os costumes ou o espírito do dia. Dele disse Manuel de Lucena: “Um homem simples, quase, quase igual a quase todos nós!”, tratando-o também por “campeão da liberdade”! Soares queria, genuinamente, que cada um fizesse o que entendesse, desde que respeitasse a liberdade e a democracia. E, se lhe desse o seu voto, melhor ainda. Eram seus traços visíveis o optimismo inabalável, a fina percepção de sinais e movimentos ínfimos e a crença na sua boa estrela. Confortava o seu optimismo numa absoluta confusão entre Europa, liberdade, república e ele próprio. Soares confiava na democracia. Acreditava que os portugueses, talvez mesmo as pessoas em geral, apreciavam a democracia e acreditavam na liberdade. Mário Soares é o dirigente que melhor personifica a última revolução do século, a democrática. Do regime assim criado, não foi seguramente o seu único dirigente de relevo. António Ramalho Eanes, Francisco Sá Carneiro e Aníbal Cavaco Silva terão sido outros, de efectiva importância, mas menos consequentes ou de menor duração. António Guterres, José Sócrates, Diogo Freitas do Amaral e Pedro Passos Coelho, por razões e méritos bem diferentes, tiveram um papel importante, mas sem o carácter ou a originalidade dos três que nos ocupam aqui. Soares esteve com quase todos nós pelo menos uma vez na vida. Direita e esquerda, públicos e privados, em-

presários e trabalhadores. Bispos e maçons. Ricos e pobres. Com quase todos, menos Salazar. E quase todos estiveram pelo menos uma vez com ele. Até Cunhal, mesmo se à força.

O contributo original de cada um destes três homens é inegável. Com Salazar, tivemos uma das mais longas ditaduras da Europa e a mais tardia e longa guerra colonial. Com Cunhal, tivemos o mais longo, durável e rígido partido comunista. Com Soares, tivemos a única vitória democrática, sem violência, contra uma revolução comunista em curso. Aos três, deve-se, mesmo se em partes desiguais, aquela que deve ser a mais desastrada de todas as descolonizações.

Três Revoluções

Neste século XX a XXI, estes três líderes, chefes de partidos, homens de Estado e políticos a tempo inteiro, não se limitaram a dirigir regimes, muito menos governos ou partidos. Encabeçaram revoluções (vencedoras ou falhadas) e assim contribuíram para a criação de regimes. São três revoluções que marcaram cem anos da vida portuguesa. Foram todas identificadas pelos seus protagonistas. As diferenças entre as pessoas foram também, em grande medida, as diferenças entre as revoluções. Uma nacionalista, que venceu e cujos resultados duraram décadas num país fechado. Uma comunista e radical, que nunca se fez, mas tudo e todos ameaçou, antes de ser derrotada. Uma democrática, que acabou por vencer e deixou um país aberto.

Uma conservadora e reaccionária, de influência dominante católica e de cariz corporativista. Zelosa da independência nacional e colonialista. As simpatias monárquicas eram semelhantes às republicanas, ambas muito regradas. Com simpatias fascistas moderadas. Ferozmente anticomunista. Firmemente antidemocrática. Severa e austera. Controladora e frugal. Com pavor da liberdade e receio da democracia. Atlântica por conveniência, sem esconder o seu anti-americanismo. Mediterrânica e africana por interesse, com altos e baixos. Só e isolacionista por obsessão. Raramente europeia, mas